

Ademir MEDICI



Faustino da Silva - final

Era uma Santo André doméstica, pequena, simples e muito bem delineada aquela que dona Belinha, filha de Faustino da Silva, viveu. Ela

nasceu em 1920, no casarão da Fernando Prestes. Tinha seis anos e lembra das ruas de terra, das casas dispersas. Seu pai trabalhava na Prefeitura onde iria se aposentar em 1950. Havia o grupo escolar na Gertrudes de Lima, este prédio antigo da Fundação de Promoção Social, garantido pelo Condephaat e que não pode ser alterado, mexido, deformado.

Um ano marcou muito a vida de dona Belinha: 1931. Foi o ano da inauguração do trenzinho do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro. E aqui na cidade o ano em que Belinha fez a primeira comunhão e se formou no grupo escolar, onde frequentava as aulas das 12 às 17h. 1931 foi também o último ano que circulou o bondinho que ligava a estação até São Bernardo, passando pela sua rua, a Fernando Prestes.

A casa dos Silva ocupava área grande, que ia até a rua Tabaiães. Nem todas as casas tinham energia elétrica e as professoras vinham de São Paulo para lecionar. Da estação até o grupo eram transportadas de charrete. Aliás, a tração animal era comum, com carrocinhas entre-



Reprodução - J. B. FERREIRA

gando leite. Não havia coleta de lixo. Como os quintais eram grandes os detritos eram enterrados e se transformavam em esterco dos bônus. Ônibus para São Bernardo já existiam. Mas demoravam a passar. Vacas leiteiras eram criadas em pontos como o Sítio dos Scarpelli e da Cata Preta.

Dona Belinha casou em 1937 com Orlando Santoro e teve três filhos: José, Faustino e Marisa. A filha caçula, Marisa, guarda até hoje uma jarrinha que a avó Amorzina ganhou numa quermesse em 1910. Faustino da Silva, que aparece na foto ao lado de sua esposa, nasceu em Mogi (e não Paranapiacaba) e faleceu em Santo André, aos 88 anos. Dona Amorzina faleceu em 1974, depois de 64 anos de casada. Ficou o exemplo.